

## OS CONFETOS SOCIOPOÉTICOS SOBRE CORPO E AS VIOLÊNCIAS PARA JOVENS: ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Shara Jane Holanda Costa Adad<sup>1</sup>  
Professora Adjunto da Universidade Federal do Piauí/UFPI.

Do lado de fora é onde deve estar o nosso lado de dentro.  
Viviane Mosé

Em 07 de abril de 2011, acontece a Tragédia de Realengo, no Rio de Janeiro, momento em que um jovem adentra sua antiga escola e mata crianças e outros jovens daquele lugar. Segundo análises do acontecimento, uma delas conta que o garoto não esqueceu o *bullying* vivido por ele naquela escola. A memória do seu passado era o seu presente. Percebo, assim, que nas ondas de violência nas escolas existem muitos fatos que envolvem a vingança de alunos que sofreram ou sofrem *bullying*, como foi esse caso do Rio. O que dizer da(s) violência(s) que envolve(m) especialmente os jovens? O que pensar da violência que adentra principalmente as escolas públicas, e vira manchete de jornais, transformando-se em discurso científico de entidades locais, nacionais e internacionais? Será que a dor mobilizada pela violência pode nos tornar mais atentos acerca do que aumenta ou diminui a potência de vida? O que a dor pode gerar? É possível que a dor deixe de ser uma afecção para se tornar um afeto?<sup>2</sup> Como trabalhar situações de violência incrustadas na memória da pele? E a paz, o que seria diante de tudo isso?

Diante dessas questões, para mim, torna-se imprescindível problematizar a dor derivada da violência que nos assalta, porque pode nos levar a novos sentidos, ao desconstruir palavras fadigadas de informar e reparar nos atos de criação que produzem continuamente a vida. Pois

É imprescindível não apenas falar inteligentemente acerca da dor, senão agir sobre ela, modificando-a e alterando, também, nossos modos de apreensão e entendimento do que se passa. Sem apatia, com ânimo e responsabilidade, faz-se urgente tratar dos problemas que nos afetam indistintamente enquanto humanos. Se concordarmos que o pensamento surge, em sua máxima tensão, das experiências que o comovem, então

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Especialista em História do Piauí. Arte-terapeuta. Colaboradora dos Programas de Pós-graduação em Educação (PPGED) e em Antropologia e Arqueologia (PPGaarq), da UFPI. Coordenadora do Observatório das Juventudes, Cultura de Paz e Violências nas Escolas - OBJUVE. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Cidadania – NEPEGECEI. E-mail: [shara\\_pi@hotmail.com](mailto:shara_pi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Segundo Gilles Deleuze (1997, p. 157-158 *apud* Leal, 2011, p. 1), o signo como efeito para Spinoza e, a partir da conexão entre os termos afeto e afecção, esclarece: “A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados afectos, para falar com propriedade, e não mais afecções. [...] Os afectos supõem sempre afecções de onde derivam, embora não se reduzam a elas”.

não é preciso evitar a dor para pensar bem. É possível sofrer e, ainda assim, pensar profundamente sobre o sofrimento; sentir uma dor profunda e sobre ela refletir; padecer e recriar a vida. A ausência de um pensar sobre a dor derivada da violência que nos assalta, isso sim, violenta ainda mais um sofredor. Interrogar a respeito da dor e de seus modos de expressão pode nos levar ao encontro de novos sentidos para palavras já cansadas da isenção de envolvimento. Pode, ainda, evitar uma explicação rápida para a dor e impedir o trato ordinário da violência como algo trivial. (LEAL, 2011, p. 2).

Assim, com o intuito de dar a língua aos problemas, trago alguns confetos (conceito + afeto) produzidos, em grupo, por jovens em experiências de pesquisas sociopoéticas<sup>3</sup> sobre corpo. Para a Sociopoética, o conceito é um acontecimento, não pode existir sem ser perpassado de afetos, que não são emoções individuais, nem sentimentos, mas intensidades que percorrem os corpos. Por isso, a criação do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que, na atividade do grupo pesquisador, os afetos não só existem, como são o próprio motor da criação.

Penso, então, que esses confetos trazem o gesto humilde de dizer o que se passa no ato de narrar de jovens – forma singela e modesta de nutrir-se de objetos semânticos constituídos no cotidiano na junção de linguagem, de arte e de vida – na forma singela e modesta de nutrir-se de objetos semânticos constituídos no cotidiano na junção de linguagem, de arte e de vida – na tentativa de externar, em palavras, o que se passa no corpo violentado pela dor. Uma experiência singular de pesar e sofrimento para nos ajudar a pensar a cultura da violência em duas faculdades da consciência humana: a memória e o esquecimento. Isso leva à identificação de dois tipos de indivíduo: o criador e o ressentido. O criador será definido pela faculdade de esquecer e pelo poder de criar. O ressentido pela prodigiosa memória e pelo poder de conservar. (DIAS, 2004, p. 144).

A primeira faculdade ou dimensão, a memória, seleciona e cristaliza a dor e sua função é fazer com que o corpo não queira se livrar daquilo que retém como algo importante. Nietzsche utiliza a imagem do estômago para se referir ao papel da consciência:

[...] ela “digere”, na medida em que assimila ou rejeita, selecionando, simplificando, reduzindo, processando. A capacidade de lembrar fixa as impressões, produzindo uma camada de sentido que funciona como fundo ou um lugar de reconhecimento. A partir desse fundo, as novas impressões que chegam não são sentidas, mas reconhecidas pelas marcas mnêmicas; o que termina por produzir uma repetição,

---

<sup>3</sup> Mas o que é a Sociopoética? É uma prática filosófica, uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar à transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, do pensamento dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Porque ela: 1- Descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2- Promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3- Favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo pesquisador; 4- Possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais. (GAUTHIER, 2003, p. 12).

uma “digestão” do já sentido, um ressentimento. (NIETZSCHE, 1992 *apud* MOSÉ, p. 47).

Qual a consequência disso para o corpo? Não esquecer e/ou lembrar é a dimensão do corpo ligada à memória, que para Nietzsche (1998, p. 62) é o ato ligado ao ressentimento e à mágoa. O não esquecer a dor constitui um corpo amargo e triste porque vive em função da repetição de sua mágoa, de seu sofrimento e de sua dor. É um corpo que não pode responder por si, ou seja, que diz não a si mesmo.

Em relação a isto, o primeiro exemplo desse movimento entre o lembrar e o esquecer está presente na pesquisa com jovens da Casa de Zabelê<sup>4</sup> (ADAD, 2008). Esse grupo possui corpo marcado pela dor, e isto está manifesto no confeto **corpo mutante bicho-papão** que é “um corpo imaginário, uma coisa imaginária, sem sentido, uma coisa péssima que eu não quero ter, eu não quero ver mais, nunca mais, pois é um sentimento ruim que passa na minha cabeça. Todas as coisas ruins e péssimas que aconteceram na minha vida!”. Esse corpo produz um devir devir<sup>5</sup>, o **sentimento bicho-papão**, que atravessa a adolescente a partir de dentro e a impede de se transformar. Como ela diz: “não consegui me transformar porque veio de dentro de mim um sentimento muito ruim, péssimo e um nome que eu posso descrever para ele é coisa ruim, bicho-papão”. Posteriormente, na contra-análise<sup>6</sup>, dando consistência a essas ideias, as adolescentes falaram sobre o que as impedia de mudar, de se transformar. Elas disseram:

O **sentimento bicho-papão** é feio. Esse sentimento é ruim, porque impede a pessoa de mudar, impede ela de ser outra coisa. É o sentimento que acontece maldade, a pessoa pode é querer mudar, mas não consegue mudar de jeito nenhum. Acho que é um sentimento muito ruim, que a gente tenta mudar, mas não consegue porque deve ter alguma coisa que impede [como] a mágoa, o rancor.

Portanto, o não esquecer é o algoz permanente deste corpo. Como diz Nietzsche (1998, p. 50): “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória; apenas o que não cessa de

<sup>4</sup> O projeto Casa de Zabelê é uma iniciativa da Prefeitura de Teresina-PI, que tem como órgãos parceiros a Prefeitura de Teresina-PI e a Ação Social Arquidiocesana – ASA. Foi concebido em 1994 como o objetivo de atender crianças e adolescentes do sexo feminino, vitimizadas pela violência, negligência, pobreza, abandono, drogadição, prostituição dentre outros. Baseada na pedagogia do diálogo, oficinas orientadas e atendimento personalizado, a Casa atende crianças e adolescentes. A linha de atendimento é focada na profissionalização e inclusão social. (CASA DE ZABELÊ, s/d).

<sup>5</sup> A esquizoanálise refuta todo o essencialismo, pois acredita que a subjetividade é fabricada, produzida socialmente. Por isso propõe, ao invés da noção redutora de identidade, o conceito de devir, que sugere a nossa multiplicidade heterogênea, pois, assim como Alice no país das maravilhas, pode-se mudar de devir “segundo as ‘horas’ do mundo” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 33), de forma não determinada. Posso, por exemplo, ser uma criança e viver um devir mulher da cobra, sem que isso signifique que eu seja e nem pareça uma cobra, são apenas fluxos contraditórios e imprevisíveis que convivem em mim, sem definição temporal. O devir é então uma linha de fuga, algo que escapa a categorização socialmente produzida.

<sup>6</sup> Nesse método, após a produção dos dados, os facilitadores realizam sua análise através dos procedimentos: análise classificatória, momento transversal e análise filosófica. Em seguida, os resultados são levados para os copesquisadores, para a contra-análise, e, depois, realiza-se a análise filosófica e a socialização da pesquisa.

causar a dor fica na memória.” É por isso que ela quer esquecer e não esquece, e os sentimentos dessa lembrança são o medo, a mágoa, o rancor e a incapacidade de mudar. E essa memória é gravada a fogo! E o corpo é a superfície de sua escrita, apta a receber o texto legível da memória.

A cristalização dessa memória evidencia uma adolescente cuja dor é permanente, tatuada, fixada em sua pele. Assim, a memória escrita sobre esse corpo é uma lembrança inesquecível, instituindo uma marca, uma diferença que une as jovens da Casa e as separa dos outros, inclusive de outras jovens de fora da Casa de Zabelê. Esse corpo é incitado a reviver suas dores, a partir das suas vivências diárias, por meio da “piedade” e dos “benefícios” que recebem, em função desta dor.

Interessante observar que o não esquecer é, também, em sentido reativo, pois a pessoa violentada se deleita com a culpa do algoz enquanto promoção de sua eterna vingança. Para Espinosa, isso é um afeto reativo que nasce do próprio ressentimento em favor do ódio, do medo, da mágoa e do rancor. Assim, a memória de dor dessa jovem é o seu fardo, sua prisão, pois é um obstáculo ao esquecimento, porque o próprio corpo traz impressos, em si, os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória. E isso pode se estender para os espaços da escola e para outros espaços nos quais pessoas são abusadas, exploradas, violentadas.

Esta memória de dor aparece com intensidade em pesquisa sociopoética sob minha orientação sobre o tema corpo e sexualidade (FERNANDES, 2012) com um grupo de jovens da escola pública. Um jovem criou o confeto **bicho da sexualidade tartaruga** porque a tartaruga

não faz mal e não mexe com ninguém assim como eu que mesmo sendo humilhado dentro da escola quanto a minha sexualidade sou uma pessoa calada [...] sou um menino educado, não gosto de caçar conversa com ninguém. Eu acho que eu sou diferente deles, não igual a eles. Ficam sorrindo, me chamando de gay, não o sei que. Ficam me julgando pela minha aparência. Por isso que eu deixo de sair da sala, eu fico muito tempo dentro da sala. E outra coisa, eu não faço mais educação física porque eu tenho vergonha de fazer, me sinto humilhado.

Estas dificuldades problematizadas pelo confeto **bicho da sexualidade tartaruga** estão relacionadas à questão da violência presentes no preconceito, na discriminação dentro da escola pelo jeito de ser, de andar, de vestir, pela sua aparência, dentre outros acabam por realçar os efeitos da mágoa incrustada no corpo juvenil, tornando-se um obstáculo ao esquecimento, culminando em desejos intensos de vingança, a saber:

As pessoas falam da minha sexualidade, do meu caminhado que é duro. Não sei porque falam isso, porque eu tenho uma namorada, gosto de mulher. Assim, não sei porque o pessoal fala umas coisas sem sentido, não tem nada a ver. Ficam me julgando pelo meu jeito de ser porque sou educado, não gosto de “caçar conversa” com ninguém e sou diferente deles. Ficam sorrindo, me chamando de gay, me

julgando pela minha aparência. Por exemplo, na hora da Educação Física, “tiram sarro” de mim, me sinto humilhado com eles sorrindo de mim. Eu acho que a gente deve ser tratado como gente e não como cachorro, e desde o dia que eu cheguei aqui sempre foi assim. Por isso, eu não faço mais Educação Física. E são pessoas que nem me conhecem que ficam falando, porque as pessoas que me conhecem me acham uma pessoa normal, pois todo mundo tem o seu jeito diferente. Ser engraçado é uma coisa e me humilhar é outra. Eu estava até pensando de sair desse colégio. Se eu fosse gay eu só queria ficar perto dos homens e não perto de mulher. Quem sou eu pra julgar as pessoas, quem somos nós pra julgar as pessoas? Por isso que eu deixo de sair da sala, fico muito tempo dentro da sala. Não é à toa, que aquele menino matou um monte de criança na escola, por que a gente fica se sentido humilhado, ele se sentiu assim. Isso é pra todo mundo aprender, eu senti isso. A gente fica pensando: “Ah, era bom eu pegar uma arma e matar logo”. Aí, por isso é que eu digo que deve tratar logo, porque se não vai chegar um tempo que vai morrer todo mundo na escola. Todo tempo vai matar gente aí. Porque é discriminação toda hora, é negro, é homossexual, é “tudo enquanto”.

Para este jovem o desejo de vingança, de matar quem humilhou assim como em Realengo justifica-se porque antes de mais este corpo já fora excluído, humilhado, silenciado, negado por outros jovens e mesmo pelos responsáveis pela escola, fazendo com que inclusive se isole, se distancie de tudo o que estiver próximo. Ele diz: “Por isso que eu deixo de sair da sala, eu fico muito tempo dentro da sala. E outra coisa, eu não faço mais educação física porque eu tenho vergonha de fazer, me sinto humilhado”.

Esses sentimentos aparecem novamente com jovens de outra pesquisa, dessa vez com o tema-gerador: a relação entre o corpo e o medo (ADAD; SILVA, 2011), que mostram com a produção do confeto **medo-frustração** que esse comportamento ocorre devido à necessidade de ser aceito pelo outro, pois é aquele medo

[...] de não ser amado, não ser atendido, não receber atenção, carinho e afeto, levando para aquele **medo frustração bolinhas separadas** que ocorre quando não temos em quem nos apoiar e acabamos por nos distanciar de tudo o que estiver próximo.

Na contra-análise, os jovens dessa pesquisa disseram que, para se evitar as mágoas e ressentimentos com as pessoas, provocados pelo medo-frustração, é

[...] preciso ter cuidado nos relacionamentos, porque o **coração** de uma pessoa é **tábua de madeira** e, se todo dia se faz uma mágoa àquela pessoa, é como se ela fosse enfiando um prego, e a cada mágoa um prego, cada mágoa um prego. Aí, depois que já tivesse lotado, que já não coubesse mais nenhum prego ou mágoa e você fosse lá e pedisse desculpas e procurasse fazer diferente e a cada mudança você ia lá e tirava um prego. Aí o que ficou: as mágoas. Um pedido de desculpas, ele muda muita coisa, mas não apaga o que fica, porque o ser humano é muito rancoroso, é da natureza do próprio ser humano. Machuca, mas não quer ser machucado. É preciso viver intensamente e ter muito cuidado realmente com o que você diz, pois muitas vezes as palavras machucam muito mais do que uma atitude física, um gesto.

Percebemos, nessa fala, a criação do devir **mágoas-prego** que advém do confeto **coração tábua de madeira**, para falar das mágoas que é o ressentimento – sentir novamente, profundamente, uma ofensa. A repetição das **mágoas-prego** é como um lastro de dor, pois “se

faz uma mágoa àquela pessoa [...] como se fosse enfiando um prego, e a cada mágoa um prego, cada mágoa um prego”. As marcas no **coração tábuas de madeira** não apagam nem mesmo com um pedido de desculpas que pode mudar muita coisa, mas não apaga o que fica.

É, por isso, que eles sentenciam, na contra-análise, sobre como conviver com mágoas-prego:

Acho que a pessoa viver magoada é a pior vida que tem, porque como foi falado quando a cada vez que você magoa uma pessoa que coloca um prego, se você pede desculpas, mas fica o buraco com certeza, muitas vezes tem coisa que é difícil de esquecer.

Rosa Dias nos diz que o

[...] ressentido é um ser de prodigiosa memória. ‘Não consegue se desembaraçar de nada. Tudo fere. Os homens e as coisas aproximam-se indiscretamente demais, todos os acontecimentos deixam traços; a lembrança é uma chaga purulenta’ [...] O ressentido afugenta o desconhecido, evita o inesperado e impede a aventura, em suma, fossiliza o poder de criação. Por não ter o instinto de devir, deprecia a vida em transformação; sabe conservar a vida, mas não sabe fazê-la nascer. (DIAS, 2004, p. 144).

Em contrapartida, na relação com a memória e sua atuação reativa, envolvendo o ódio, o medo, a mágoa e o rancor, encontra-se uma potência ativa, que é o esquecimento. Para Nietzsche, o esquecimento

É uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar ‘assimilação psíquica’) [...] Fechar temporariamente as portas e as janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tábua rasa da consciência, para que haja lugar para o novo [...] eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. (NIETZSCHE, 1998, p. 47).

Portanto, o esquecimento não se configura como perda, mas como libertação dos laços do passado. Esquecer é ato móvel, fluído e inovador – imprescindível para que as pessoas envolvidas com as violências possam continuar vivendo, e vivendo em toda a sua potencialidade. Segundo Dias (2004, p. 144), Nietzsche define a faculdade do esquecimento, que para ele tem um caráter positivo, como uma faculdade de inibição ativa, que permite a assimilação psíquica e a digestão de todas as experiências, como uma força plástica, regeneradora e curativa.

Entretanto, Dias (2004, p. 144) nos chama atenção para Nietzsche, que problematiza: o criador não sabe apenas esquecer, sabe também recordar a tempo. Do mesmo modo, todo ato criador exige a recordação: é impossível criar-viver sem relembrar. O criador não renega a

tradição, ao contrário, retoma-a para redimensioná-la. A faculdade ativa do esquecimento é capaz de assimilar o passado, transformá-lo e transfigurá-lo:

Para definir o grau e fixar o limite em que é absolutamente necessário esquecer o passado, sob pena de se tornar o coveiro do presente, seria necessário conhecer a medida exata da força plástica de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a faculdade de crescer por si mesmo, de assimilar o passado, o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as formas destruídas. (NIETZSCHE *apud* DIAS, 2004, p.144).

Viviane Mosé (2011, p. 47-48), por sua vez, acrescenta que se a consciência procedesse somente da memória, haveria uma total inadaptação desse aparelho, já que ele produziria um encerramento da interioridade. É a outra faculdade, o esquecimento, que torna possível essa adaptação, abrindo a consciência às novas impressões. O processo produzido por esse aparelho de simplificação tem na faculdade do esquecimento a garantia da boa digestão. A consciência, que possui um sistema marcado por esses dois registros, em que apenas a memória foi historicamente positivada e a escolha por não esquecer mostra “dificuldades em relação à mudança, à experimentação de coisas inimaginadas e impossíveis, à escolha de derivas que permitem a modificação das percepções e das visões. Uma advertência para olhar mais ao passado do que a construir um presente impensado”. (CANEVACCI, 2005, p. 174).

Portanto, é o exercício do esquecimento que permite à interioridade ser invadida pela exterioridade, renovando o nosso processo digestivo com a produção de novas configurações. Entretanto, Dias (2004, p. 145) nos chama atenção e diz: para criar é preciso esquecer, mas também recordar. Na ação de criar o presente, vem o presente, vem o passado e o futuro. Na ação de criar do presente, liberta-se o passado, cria-se o presente em vista de um futuro ignorado. Assim, a ação criadora intervém no presente, modifica o futuro e recria o passado. O presente é, ao mesmo tempo, um futuro e um passado.

Assim, entre o lembrar e o esquecer, as jovens da Casa de Zabelê criam o confeto **corpo mutante mão-torta** que evidencia linha importante na constituição de seus corpos: O que pode o corpo diante da sua memória de dor? Ou, como resignificar sua dor?

O confeto **corpo mutante mão-torta** “é um corpo mão-torta que pode fazer coisas que não fazia antes, como dar um murro numa pessoa e a pessoa voar lá longe. Com a mão torta não tenho mais medo de ninguém.” Esse corpo inventado potencializa as jovens, porque elas passam a ter poderes que lhes permitem fazer coisas que não faziam antes. Além disso: “Com o **corpo mutante mão-torta**, não tenho mais medo de ninguém.” E, na contra-análise, ampliaram esse confeto, ao dizerem o que fortalece um corpo adolescente, como este, a ponto de ele não temer mais ninguém:

– O que fortalece o corpo é a força e a coragem. Porque por exemplo pela coragem de falar. Falar, né? E a mão dela também que é diferente, todo mundo tem medo da mão dela e é o que dá força pra ela agir.

– Acho que é um modo de agir, na hora de se defender. E ele age brutalmente pra tentar se defender. Ele tem que ser bruto pra deixar o corpo forte.

A potência do **corpo mão-torta** vem da coragem de falar e da força de agir. Coragem de falar, quem sabe de denunciar o que o impede de alçar vôos, de poder dizer aquilo que não quer, de não calar diante daquilo que o amedronta, o prende e o sufoca. Surge a força para agir, para poder fazer coisas que ele não fazia antes, para lutar e se defender.

Observo que essas problemáticas indicam, em primeiro lugar, a importância do exercício da fala e da escuta, tão necessárias para o estabelecimento da segurança, da autonomia e da cidadania dessas adolescentes. A coragem para falar, indica que falar não é algo natural, mas produzido socialmente na nossa sociedade baseada na divisão: senhores-escravos, senhores-súditos, dirigentes-cidadãos, dentre outros. “Falar é antes de tudo, deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar.” Clastres (1989, p. 106) diz que a marca primordial dessa divisão, nas sociedades, é o fato irredutível de um poder destacado da sociedade global, pelo fato de que somente alguns membros o detêm; de um poder que, separado da sociedade, se exerce sobre ela, e, se necessário, contra ela. Por isso, nessas sociedades, há uma aliança entre palavra e poder, em que os súditos estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Neste caso, o homem do poder é não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima, porém palavra empobrecida, porque se chama ordem, apenas um fala e deseja somente a obediência do executante.

Penso que é preciso refletir sobre a questão da mudez instituída no corpo das jovens, dentro das instituições, pois:

Quando a criança começa a falar e a se expressar, aprende logo que ‘não tem voz’, que o que ela fala não é considerado se possa manter a ordem no funcionamento e ter condições de trabalho. E para que o atendimento seja dado a todos, a disciplina se impõe como uma necessidade inquestionável tanto para as crianças como para os funcionários. (ALTOÉ, 1990, p. 35).

Então, é por isso que quando a jovem chama atenção para a coragem de falar, realça a violência existente em nossa sociedade, especificamente dentro das instituições, ao não permitir a sua fala conforme outro relato, quando diz que não fala porque é muda. E essa mudez se dá pelo medo do olhar do outro que é poderoso, a ponto de calar sua voz ao indicar prescrições de como o corpo deve “falar certo”. Sobre isso, vejamos um dos relatos de uma copesquisadora:

O **corpo mutante procura-tudo** não consegue dizer o que vive procurando, porque ele é mudo. Às vezes a gente tem dificuldade em falar as coisas, porque a gente erra, porque às vezes a gente embola, porque fica com vergonha dos outros mangar, também por medo de errar as palavras que ia falar, pois pra gente dizer precisa confiar, é muito pessoal.

Há, portanto, um vazio de palavras, e é no acúmulo de ações agressivas que as adolescentes encontram a força de agir para revidar. É nesse segundo ponto, que mostram que, quanto mais revidam, mais parecem fortes, como quando dizem, com um **corpo mutante mão-torta**: “quando uma menina quiser me bater, aí eu digo: vem, olha, minha mão é torta, se eu te der um murro, tu voa!”. Ou, então, quando criam o conceito de **corpo mutante mão-torta** que “[...] é um modo de agir, na hora de se defender. E ele o corpo age brutalmente para tentar se defender: Ele tem que ser bruto pra deixar o corpo forte”.

Esses discursos e essas ações do **corpo mão-torta** tornam-se elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças – relações belicosas, em conflitos com o poder instituído. Poder este, que pode até valorizar as palavras, mas palavras normativas de um dever ser distante, frio e que, por isso mesmo, são palavras mudas, como se palavras e ação estivessem dissociadas, porque há um vazio no uso delas. Nesse sentido, o código criado – aquele que permite se falar sobre, torna-se um vácuo, uma lacuna, algo sem sentido, apenas um ruído. (FOUCAULT, 1988, p. 95-97).

E é por tudo isso que realço a importância de inserir em nossas instituições em especial em nossas escolas, momentos de convivência em que os seus alunos, crianças, adolescentes e jovens possam inventar dispositivos que potencializem seus corpos, ganhem visibilidade ao serem ouvidos, respeitados em seus desejos. E posso afirmar isso sem nenhum temor, porque ao longo das minhas leituras, das minhas orientações e dos meus trabalhos com/entre jovens aprendi que lidar com eles é possível desde que se acredite neles e em suas capacidades.

Por isso, por exemplo, o trabalho da escola deve partir dos interesses dos estudantes e levar em conta o que eles gostam e sabem fazer e não suas carências e/ou faltas. Nesse caso, tomá-los como potência é percebê-los como sujeitos e protagonistas de sua própria história, contrariando as adversidades a que estão submetidos. É uma das expressões mais interessantes para a promoção da escuta sensível – aquela que não mede, não julga, não compara –, nas escolas, é o uso da arte. A potência da vontade criadora por meio de dispositivos artísticos é ar fresco alternativo para criar uma convivência potencializadora de todos na escola, pois em meio à violência, necessitamos das artes como possibilidade de ressignificação da dor. Seria a doutrina da vontade criadora que

[...] pretende libertar o homem do espírito de vingança, pois trabalha a favor do tempo, pois para que haja criação constante, para que haja vida é preciso que a forma se desfaça, não dure infinitamente, e que o movimento de vir-à-forma não cesse jamais. Nada escapa à destruição, nem mesmo o devir, mas a destruição no devir é condição de sua durabilidade. (DIAS, 2004, p. 145).

E, para finalizar, convido as todos, especialmente aos jovens, a serem sementes da paz enquanto promotores da vida como vontade criadora. Não qualquer paz e nem qualquer vida, mas aquela que nos tira do sossego de um mundo anestesiado e nos faz guerreiros de outros mundos, diversos, múltiplos, infinitamente capazes de transvalorar valores. Essa é a condição para que os sujeitos envolvidos na escola, em especial crianças, adolescentes e jovens, possam viver, brincar e, principalmente, apaixonar-se pela vida.

Apaixonar-se pela vida não por meio da eliminação da dor, como tem tentado a modernidade, com suas infinitas fábricas de ilusão, mas por meio de uma afirmação da vida em sua totalidade. Ou seja, por meio da interpretação da vida, que inclua o sofrimento que é um impulso para a vida, e o que dignifica o homem é sua capacidade de afirmar aquilo que o aflige, invertendo a direção das forças, fortalecendo a vida. (MOSÉ, 2011, p. 17).

E tudo isso tem a ver com uma estética da existência. Em vez de negar o sofrimento constitutivo de tudo o que existe, a cultura pode fortalecer o homem, tornando-o capaz de enfrentá-lo. Podemos vencer a dor sentindo-a plenamente, utilizando a arte, o pensamento afirmativo, a contemplação da natureza e o corpo. Enfim, uma estética da existência que se instaura com seus riscos e rasgos todas as vezes que nos destituímos de nós mesmos e nos permitimos ser invadidos pelos outros. Isto é arte, isto é vida, o que nos permite recitar com Marcelo Yuka, do Rappa, que queremos vida como potência da arte, pois a nossa alma está cansada da paz que nos deixa sem voz, com medo!

## Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SILVA, Pollyana das Graças Ramos da. **A Relação Corpo e Medo para os (as) Jovens da Escola Pública: Conceitos Filosóficos**. Teresina/PI: relatório do PIBIC/CNPq, 2011.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. O corpo para adolescentes da Casa de Zabelê: uma pesquisa sociopoética. **Entrelugares: revista Sociopoética e abordagens afins**. V. 2, Nº 1. Setembro 2009/fevereiro 2010.

Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/numero3/pdf/sharajane.pdf>

Acesso em: 20/02/2012.

ALTOÉ, Sônia. **Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos-prisão**. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1990.

CASA DE ZABELÊ. **História.** s/d. Disponível em: <<http://www.asateresina.org.br/projetos/default.asp?prjid=6>> Acesso em: 06 set. 2009.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado:** pesquisas de Antropologia Política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CANEVACCI, Máximo. **Culturas eXtremas:** mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: **Mil Platôs.** V. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DIAS, Rosa. A vida como vontade criadora: por uma visão trágica da existência. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FERNANDES, Elisângela da Silva. **Sociopoetizando as sexualidades:** conceitos filosóficos produzidos pelos adolescentes da Unidade Uscolar Profª Júlia Nunes Alves. Centro de Ciências da Educação e Arte – CCECA. 2012. 142f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Teresina, 2012.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUATHIER, J. **Notícias de rodapé do nascimento da Sociopoética,** 2003 (digitado).  
\_\_\_\_\_. Trilhando a vertente filosófica da montanha sociopoética: a criação coletiva de confetos. In: **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais:** aplicação da abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2004.

LEAL, Bernadina. Na memória da pele: Esboço de um estudo sobre a dor. In: **Entrelugares: revista sociopoética e abordagens afins.** Vol. 3. Nº 2, fevereiro/agosto de 2011. Disponível em:  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.entrelugares.ufc.br/pdf/bernardina.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2012.

NIETZSCHE, F. W. Segunda dissertação: “culpa”, “má consciência” e coisas afins. In: **Genealogia da moral:** uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PETIT, S. H. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, K. S. L. de. VASCONCELOS, J.G. **Registros de Pesquisas na Educação.** Fortaleza: LCR – UFC, 2002. (Coleção Diálogos Intempestivos).

MOSÉ, Viviane. **O homem que sabe.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.